

Criação de um núcleo de atendimento à comunidade autista e neurodiversa na Universidade de Brasília: relato de experiência

Creation of a service center for the autistic and neurodiverse community at University of Brasília: an experience report

Yvanna Aires Gadelha Sarmet¹

Júlia Valle de Faria²

Guilherme Queiroz da Silva³

Nina Puglia Oliveira⁴

RESUMO Este relato traz o processo de criação do Núcleo de Autismo e Neurodiversidade na Universidade de Brasília. É um espaço de apoio pensado a partir de demandas dos estudantes autistas e neurodiversos matriculados em cursos de graduação e de pós-graduação na universidade. As demandas dos estudantes foram apresentadas e acompanhadas sistematicamente em sessões de grupo terapêutico, a partir das quais se concluiu a pertinência e a urgência da criação do Núcleo de Autismo e Neurodiversidade. Contando com o protagonismo dos próprios estudantes e a atuação de diversos profissionais e setores da Universidade, a criação do Núcleo de Autismo e Neurodiversidade é resultado de um trabalho colaborativo de construção de um ambiente pedagógico, social e psicológico para a inclusão, promoção de saúde mental e combate a preconceitos, à discriminação e à exclusão de pessoas neurodiversas no ambiente universitário.

PALAVRAS-CHAVE: autismo, neurodiversidade, núcleo de atendimento, ensino superior inclusivo.

ABSTRACT This report deals with the creation of the Autism and Neurodiversity Center of the University of Brasilia, an assistance hub created from the demands of autistic and neurodiverse students enrolled in undergraduate and post-graduate courses at the University of Brasilia. The center aims to

¹ Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) (*yvanna@unb.br*)

² Psicologia na Universidade de Brasília (UnB) (*juliavalledf@gmail.com*)

³ Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB) (*queiroz.guilherme79@gmail.com*)

⁴ Geografia pela Universidade de Brasília (UnB) (*ninapuglia@gmail.com*)

offer information, training and psychoeducation about autism and neurodiversity to the university community, to promote inclusion and favor the permanence, participation and complete higher education of autistic and neurodiverse students. The students' demands were presented and followed up systematically in therapeutic group sessions, from which the relevance and urgency of the creation of the Autism and Neurodiversity Center was concluded. Counting on the protagonism of the students themselves and the action of several professionals and sectors of the University, the creation of the Autism and Neurodiversity Center is the result of a collaborative work to build a pedagogical, social and psychological environment for inclusion, promotion of mental health and to combat prejudice, discrimination and exclusion.

KEYWORDS: autism, neurodiversity, assistance hub, inclusion in higher education

INTRODUÇÃO

Uma série de estudos na literatura vem demonstrando a necessidade de intervenções voltadas para adultos neurodiversos, cuja situação de exclusão social conduz a problemas emocionais, como ansiedade e depressão (VAN SCHALKWYK & VOLKMAR, 2017; CIMERA & COWAN, 2009). Dessa forma, esperamos que o relato desta experiência e de seu potencial criativo para ações de inclusão e promoção de saúde contribuam para identificação de campos específicos a serem modificados na Universidade de Brasília e fomentem discussões e pesquisas.

Para situar este relato, devemos dizer inicialmente que esta experiência está no campo das vivências acadêmica e clínica. Somos uma equipe de autores formada por estudantes universitários autistas e neurodiversos e uma psicóloga clínica que há 20 anos trabalha com intervenções comportamentais e neurodesenvolvimento. A experiência clínica somada aos relatos honestos e às reflexões corajosas de alguns dos estudantes autistas e neurodiversos/as da Universidade de Brasília originaram questionamentos e propostas de ações inovadoras no âmbito da inclusão desse público no ensino superior. A escuta terapêutica em grupo de estudantes universitários dentro do espectro autista, com transtornos do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), altas habilidades e superdotação, dificuldades de aprendizagem e de comunicação, transtornos afetivos e psiquiátricos demonstrou de modo empírico a necessidade de um apoio institucional e multiprofissional, além daquele encontrado no grupo de apoio terapêutico. Observou-se que muitos estudantes encontram dificuldade em gerenciar a vida universitária em seus aspectos pedagógicos, sociais e administrativos e que frequentemente, apesar de buscarem apoio, não o encontram de modo eficaz, o que mantém ou agrava suas dificuldades.

O que é Neurodiversidade?

O termo Neurodiversidade surgiu no final dos anos 1990, quando Judy Singer o usou para descrever condições como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, Transtorno do Espectro Autista – TEA e dislexia com o objetivo de desviar o foco dos déficits apresentados e focar nas diferenças do aprender, sentir, pensar e se comportar que os indivíduos com essas condições experienciam (SINGER, 2017). Neurodiversidade é um conceito que desconstrói a ideia de doença associada ao autismo e a outras alterações no neurodesenvolvimento, possuindo uma abordagem que considera a variedade de condições neurológicas e as vê como produto natural do processo evolutivo, resultado da recombinação genética e do acúmulo de mutações que ocorrem em decorrência de processos orgânicos (ROSQVIST, CHOWN & STENNING, 2020). Esse conceito promove o senso de inclusão das diferenças como parte da natureza diversa da humanidade, combatendo o estigma e o preconceito advindo das percepções patologizantes presentes atualmente na sociedade.

Diferenças neurológicas, segundo Robison (2021), podem produzir deficiências, mas ao mesmo tempo fornecem variabilidade de pensamento e comportamento importantes para a evolução. Por isto, Robison também defende a naturalização das diferenças neurológicas, considerando-as como variações humanas naturais e não doenças ou distúrbios, mas sem ignorar que estas variações possam produzir déficits e que, portanto, o apoio e a assistência adequados são necessários.

Como forma de equilibrar a ideia de variação humana e a necessidade de assistência, surge o modelo social de deficiência, de acordo com o qual a deficiência é produto das barreiras e desvantagens impostas por uma organização social excludente e capacitista. Divergindo, assim, do modelo médico, “que reconhece na lesão, na doença ou na limitação física a causa primeira da desigualdade social e das desvantagens vivenciadas pelos deficientes, ignorando o papel das estruturas sociais para a sua opressão e marginalização” (BAMPI, GUILHEM, ALVES, 2010). O modelo social enfatiza, portanto, que a exclusão de pessoas com deficiência é um problema não individual, mas coletivo, que pode e deve ser sanado a partir de políticas de inclusão e acessibilidade para toda a diversidade de corpos (BAMPI, GUILHEM, ALVES, 2010)

A partir desta definição, é possível considerar uma visão social sobre as condições diversas do desenvolvimento humano, evitando uma patologização ao mesmo tempo que permite uma adaptação dos déficits experienciados.

As alterações no neurodesenvolvimento podem interferir na aquisição, retenção e aplicação de conhecimentos e habilidades (SULKES, 2020). Elas podem envolver déficits em atenção, memória, percepção, linguagem, solução de problemas e interação social. O nível de comprometimento pode ter severidade variável, desde de leve e de fácil manejo com intervenções compor-

tamentais e educacionais, até grave, quando a pessoa precisa de mais apoio. As alterações neurológicas que estão presentes na pessoa autista, também se apresentam no TDAH, nas altas habilidades/superdotação, nas dificuldades de aprendizagem como dislexia e discalculia, na deficiência intelectual, na síndrome de Rett, entre outras condições (Sulkes, 2020). Pessoas com neurodesenvolvimento atípico precisam receber apoio para que suas limitações biológicas não as impeçam de realizar seu potencial comportamental.

Inclusão no ensino superior

O Censo da Educação Superior 2019, divulgado em 2020, indica que o número de matrículas em cursos de graduação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação no país era de 48.520, correspondendo a 0,56% do total de matrículas em cursos de graduação.

Tabela 01: Número de matrículas em cursos de graduação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação.

Número de matrículas em cursos de graduação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação – Brasil 2009-2019

Ano	Número de Matrículas de Alunos com Deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento ou Altas Habilidades/Superdotação	Percentual em Relação ao Total de Matrículas em Cursos de Graduação
2009	20.530	0,34%
2010	19.869	0,31%
2011	22.455	0,33%
2012	26.663	0,38%
2013	29.221	0,40%
2014	33.475	0,43%
2015	37.986	0,47%
2016	35.891	0,45%
2017	38.272	0,46%
2018	43.633	0,52%
2019	48.520	0,56%

Fonte: MEC/Inep; Censo da Educação Superior

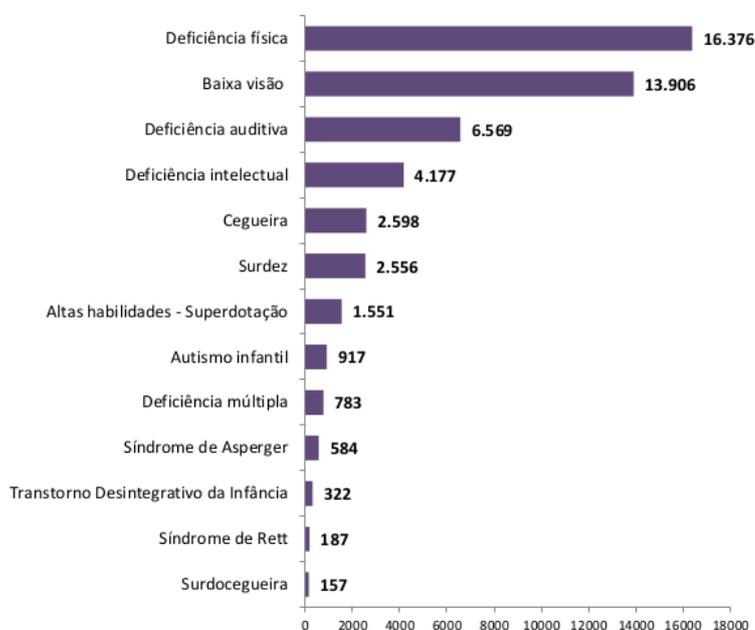
Fonte: INEP, 2020

Além disso, o relatório detalha os números para cada categoria de deficiência que compõe essa população. Levando em consideração que a deficiência intelectual, altas habilidades/superdotação, autismo infantil, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e Síndrome de Rett são diagnósticos que fazem parte da população neurodiversa, a soma dos dados relativos a esses grupos é de 7.738. O que indica que os grupos neurodiver-

so abarcados pelo Censo da Educação Superior 2019 correspondiam a cerca de apenas 0,089% do total de matrículas em cursos de graduação no Brasil. Ademais, há estudos que demonstram que apesar destes estudantes conseguirem alcançar o ensino superior, este não está adaptado a suas demandas (CLOUDER, 2020).

Gráfico 01: Número de matrículas em cursos de graduação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, por tipo de deficiência.

Número de matrículas em cursos de graduação de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, por tipo de deficiência – Brasil 2019



Nota: Um mesmo aluno matriculado pode ter mais de um tipo de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação

INEP

Fonte: INEP, 2010.

A lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, estabelece que: “a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” e tem direito ao acesso à educação e ao ensino profissionalizante, bem como à acompanhante especializado, quando se fizer necessário. Ao ser considerado pessoa com deficiência (PCD), o estudante autista enquadra-se também na lei brasileira de inclusão (LBI - Lei n.º 13.146), que assegura o direito das PCDs a uma educação inclusiva e de qualidade em todos os níveis de ensino. A lei visa garantir condições

de acesso, permanência, participação e aprendizagem a todas as pessoas, e é válida para o ensino superior. No entanto, nesse nível de ensino, a inclusão ainda é incipiente e insuficiente.

No ensino superior, docentes e comunidade em geral desconhecem o conceito de neurodiversidade e apresentam percepções discriminatórias sobre o estudante neuroatípico (SANTOS, SANTANA, DIAS, TEIXEIRA & PONDÉ, 2020). A falta de conhecimento e o preconceito em relação aos estudantes neurodiversos têm sido evidenciados em diversas pesquisas (BOLSONI, MACUCH, & BOLSONI, 2021), assim como a necessidade da realização de mais investigações científicas sobre o assunto. E estas dificuldades não afetam apenas os estudantes. Santos e colaboradores (2020) apontam que os docentes do ensino superior, em geral, enfrentam dificuldades importantes de relacionamento interpessoal no trabalho e elevada pressão por produtividade, o que afeta seus recursos afetivos e cognitivos para lidar com as necessárias adaptações no processo ensino-aprendizagem que os/as estudantes neurodiversos/as solicitam. Deste modo, acabam contribuindo, sem perceber, com o sentimento de exclusão e discriminação que os estudantes neurodiversos/as experimentam no ensino superior. Muitos/as destes/as estudantes vencem enormes barreiras para chegar ao ensino superior e acabam desistindo do curso por falta de práticas inclusivas, acrescidas de outras demandas como distância de casa, conflitos familiares, dificuldades financeiras, falta de perspectiva de futuro e questões inerentes à sexualidade (PEIXOTO & HOLANDA, 2011).

Os/as autistas e neurodiversos/as que chegam ao ensino superior são frequentemente capazes de advogar em causa própria quanto aos seus direitos e necessidades específicas. A criação de uma comunidade de autistas e pessoas neurodiversas fortalece o senso de auto-eficácia e a autoestima dessas pessoas (BAGATELL, 2010). Falar de neurodiversidade no ensino superior encoraja um movimento de distanciamento dos discursos biomédicos dominantes que tendem a apontar as características do espectro autista como sintoma de doença (SOLOMON & BAGATELL, 2010). Estabelecer condições para uma abordagem que alcance as experiências das pessoas que vivem no amplo espectro do autismo e da neurodiversidade, pensar novas possibilidades de interação e participação social da diversidade na Universidade, promover encontros permeados por tolerância, aceitação e aprendizagem são fundamentos para a concretização da inclusão.

Jovens e adultos autistas e neurodiversos experimentam com maior prevalência e intensidade o sofrimento psíquico, quando comparados a população em geral (BOWSER, 2018). É comum o relato de tristeza e desesperança persistentes, irritabilidade a maior parte do tempo, sentimentos de desvalia e de culpa, ansiedade e preocupação frequentes, falta de habilidade para superar frustrações e perdas, medos exacerbados e fobias, preocupação constante

com a possível perda do controle de si mesma, dificuldades no desempenho acadêmico, perda de interesse por atividades consideradas prazerosas, alterações no sono e no apetite, isolamento social, desatenção, procrastinação, devaneios, pensamentos suicidas, dificuldade de concentração, agitação e inquietação psicomotora, necessidade de executar determinadas rotinas várias vezes, ter pesadelos persistentes, usar álcool e outras drogas, envolver-se em comportamentos arriscados para a vida (RAI, HEUVELMAN, DALMAN, ET AL, 2018).

Todos estes problemas, se não forem tratados, podem prejudicar o rendimento acadêmico, agravar conflitos familiares, conduzir ao uso e abuso de drogas, ao envolvimento em comportamentos e situações de violência e aumentar as chances de suicídio. Por outro lado, promover saúde mental à população neurodiversa, favorecer que sejam escutados, compreendidos e apoiados em suas necessidades tende a minimizar o risco de problemas de comportamento e é crucial para o desenvolvimento e para a qualidade de vida.

Grupo de apoio terapêutico: as experiências dos/as estudantes neurodiversos/as no ensino superior

A inclusão de pessoas autistas e neurodiversas é assunto pouco explorado no âmbito do nível superior. A lacuna que existe em ações de acessibilidade nas universidades para essa população é uma consequência direta da invisibilidade e segregação desse grupo pela sociedade. Com a ampliação do acesso ao ensino superior, vivenciamos a presença da neurodiversidade na UnB e com ela a oportunidade de um lugar de desenvolvimento e pertencimento social. No entanto, a permanência e a conclusão dos cursos são ameaçadas continuamente pelas contingências sociais, físicas e pedagógicas pouco amigáveis.

O espaço universitário pode ser estressante por várias razões: o nível de exigência intelectual e de responsabilidades, a diversidade de planos pedagógicos, a variabilidade de professores, a flexibilização de rotinas e os desafios de convivência no espaço social. Todos estes fatores são desgastantes para o indivíduo neurotípico e mais ainda para os neurodiversos. Dentro do grupo de apoio, foram descritos diversos desses fatores estressores, incluindo experiências anteriores e durante a pandemia do COVID-19.

A pandemia impôs diversas ameaças à saúde mental dos estudantes neurodiversos. Aqueles que participaram do grupo de apoio terapêutico relataram experiências de sobrecarga sensorial, sinais e sintomas de estresse incapacitante, desenvolvimento de quadro de depressão e ansiedade, fobia social, sentimentos de solidão e de inferioridade em relação aos pares. Mencionaram déficits para manter e compreender relacionamentos e grande dificuldade em lidar com a imprevisibilidade, a variabilidade e as mudanças em geral. Fato-

res ambientais tanto no que concerne ao deslocamento até os campi, quanto no que diz respeito à arquitetura dos locais de convivência e de aulas da UnB podem causar alterações sensoriais que desorganizam e comprometem seu nível de funcionamento cognitivo e emocional. As barreiras impostas pelo ensino presencial sobrecarregam, isolam e adoecem os estudantes neurodiversos.

Independente do modelo presencial ou remoto, nota-se que o contexto universitário pode gerar experiências disfuncionais com grandes prejuízos afetivo-emocionais. As vivências acadêmicas em grupo, ainda que online durante a pandemia da COVID-19, também evidenciaram desarmonias nas interações e a marcante diferença na frequência e na qualidade da comunicação do estudante neurodiverso em comparação aos seus pares. Os trabalhos acadêmicos em grupo foram ocasião para o surgimento de conflitos interpessoais difíceis de serem solucionados sem mediação adequada. É comum que os indivíduos neurodiversos acreditem ser necessário trabalhar com nível de profundidade além do que efetivamente é esperado. Isso denota sua elevada autocrítica e perfeccionismo e conduz a expectativas frustradas.

As aulas são experiências desafiadoras que geram impactos duradouros ao longo dos dias e noites das pessoas neurodiversas. Diálogos são repetidos mentalmente e analisados compulsivamente. Surgem pensamentos de auto-crítica severa sobre o que disseram e sobre o que não disseram. Experimentam constrangimento pelo que fizeram e pelo que não fizeram. O sentimento de inadequação, bem como de estar continuamente sob o olhar avaliativo dos pares e dos professores, pode ser incapacitante e interferir negativamente na atenção, concentração, memorização, raciocínio, aprendizagem e relacionamento. Pensamentos persecutórios e ideias catastrofizantes podem ganhar força e conduzir a trancamentos de disciplinas, comportamentos de isolamento e pensamentos de autoextermínio. A falta de perspectiva de ser compreendido, respeitado, aceito e incluído, e falhas repetidas na conclusão de tarefas e atividades acadêmicas (especialmente aquelas realizadas em grupo) são vividas como experiências avassaladoras.

As exigências acadêmicas podem impactar negativamente a qualidade de sono e de alimentação, o que agrava o nível de estresse ao corpo e compromete também as funções cognitivas. Os estudantes neurodiversos relatam noites seguidas sem dormir e dias inteiros sem nenhuma refeição saudável por estarem hiperfocados no cumprimento de suas obrigações acadêmicas. Segue-se a esses períodos de dedicação extrema, longo tempo de recuperação no qual a produtividade cai drasticamente. Alguns estudantes relatam estado duradouro de apatia e fadiga, com manifestação de mutismo temporário, após períodos de grande exigência acadêmica.

Além do impacto acadêmico, também houve diversos relatos relacionados a dificuldade de interação social dentro do contexto universitário devi-

do a ser um novo ambiente que requer novas formas de interação, além dos impactos negativos que surgem devido a experiências passadas em relação à expressão de neurodiversidades destes indivíduos. Como consequência, estes estudantes não conseguem adentrar nos círculos sociais de seu curso, sentem-se externos a comunidade acadêmica e não experienciam de forma plena o espaço universitário, incluindo projetos, programas e ações que requerem uma extensa interação social.

Da ideia à institucionalização

A experiência acadêmica, apesar de seu potencial adoeceador, certamente é importante na organização e estruturação psicológica da pessoa neurodiversa. Ser estudante universitário pode ser fator de proteção, ao invés de fator de risco, para a saúde mental. Estudar na Universidade de Brasília é fonte de orgulho e contribui para a autoestima. Obter apoio, compreensão e representatividade potencializa o sentimento de pertencimento e autoeficácia.

O grupo de apoio terapêutico ao estudante autista e neurodiverso formou-se em 2019, a partir da iniciativa de uma psicóloga da equipe do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP), centro de custo vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O CAEP tem como função principal apoiar a formação profissional e acadêmica dos estudantes de graduação e de pós-graduação em psicologia. Compreende atividades de atendimento psicológico, ensino, pesquisa e extensão. O grupo de apoio terapêutico é uma ação de atendimento psicológico que acolheu jovens e adultos neuroatípicos da comunidade interna e externa à Universidade de Brasília. A demanda para sua formação surgiu de pacientes neuroatípicos já acompanhados individualmente pela psicóloga. Numa perspectiva de desenvolvimento de habilidades sociais e formação de vínculos interpessoais, demandas espontâneas de outros jovens adultos neuroatípicos foram acolhidas pelo CAEP nessa modalidade de atendimento em grupo. As reuniões ocorriam presencialmente, uma vez por semana, nas instalações do CAEP, mas devido à pandemia do COVID-19, passaram a ser remotas. À medida que o grupo se fortalecia, mais pessoas neurodiversas da comunidade discente da UnB nos procuravam. Em determinado momento, foi necessário constituir dois grupos distintos, sendo um voltado para os estudantes da UnB e outro para jovens e adultos da comunidade externa. Com a concentração dos estudantes da UnB em um só grupo, as queixas relativas à realidade da nossa Universidade ganharam força. A partir dessas demandas e dificuldades trazidas pelos participantes do grupo terapêutico, surgiu a ideia da criação de um espaço de atendimento ao autismo e a neurodiversidade, que pudesse mediar as demandas da população neurodiversa relativas à UnB e a conquista de uma vida universitária mais inclusiva, produtiva e saudável.

Os objetivos deste Núcleo de Autismo e Neurodiversidade da UnB são oferecer, ao estudante autista e neurodiverso, apoio à permanência, participação e formação completa, favorecer sua integração e inclusão social, ampliar a capacidade dos docentes e da comunidade universitária em geral de identificar e conviver com o autismo e a neurodiversidade e promover o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas para essa população.

Algumas ações e atividades já estão em andamento. O Grupo de Apoio Terapêutico é conduzido por profissional da área de psicologia clínica, com enfoque terapêutico e tem a intenção de compensar a falta de espaços de interação para os estudantes neurodiversos e suas vivências diferenciadas no espaço universitário. Durante os encontros online, semanais, com 90 minutos de duração, foram relatados diversas vezes o sentimento de solidão dentro da universidade, que influencia negativamente na participação de trabalhos em grupos e no aproveitamento geral do ambiente da universidade. Devido ao caráter íntimo e terapêutico, marcado por desabafos e exposições delicadas de cada um, além da restrição de tempo para interação dos estudantes dentro deste grupo terapêutico, viu-se que persistia de maneira intensa o déficit de socialização no ambiente universitário. Assim, os estudantes criaram um novo grupo voltado apenas para trocas sociais entre os neurodiversos. Por meio de uma plataforma online de comunicação instantânea, gratuita, simples e versátil (*Discord*) os estudantes trocam mensagens de texto, áudio e vídeo. O Grupo Neurodiversidades é aberto e serve para a promoção da interação social e o compartilhamento de experiências e informações gerais sobre a vida neuroatípica na universidade. As interações acontecem virtualmente e são moderadas completamente pelos próprios estudantes do Núcleo de Autismo e Neurodiversidade.

Ações de capacitação e preparação da comunidade universitária como reuniões com a Diretoria de Acessibilidade (DACES) e a Diretoria de Atenção à Saúde Universitária (DASU), com professores e gestores de cursos de graduação e pós-graduação acontecem com frequência, para promoção de maior compreensão, facilitação da inclusão e do melhor desempenho acadêmico e social dos estudantes. Oficinas de inclusão com exposição oral e espaço para debate sobre o autismo e a neurodiversidade estão planejadas para acontecer semestralmente e a primeira já foi realizada.

No dia 4 de abril de 2022, o Núcleo de Autismo e Neurodiversidade promoveu a oficina de “Inclusão da Neurodiversidade no Ensino Superior”, através da plataforma Microsoft Teams. O evento buscou sensibilizar e capacitar a comunidade acadêmica em torno do tema, promover conscientização e propor estratégias práticas de inclusão no cotidiano universitário. Mediada por psicóloga do CAEP e contando com a presença de representantes da DASU e da DACES, apresentou-se o conceito de neurodiversidade, os grupos neuroatípicos abarcados pelo mesmo, as condições de exclusão, *bullying* e desafios

sociais vividas nas universidades e a importância da mediação da comunidade universitária para inclusão social da população neurodiversa. Essa oficina foi um evento importante de apresentação institucional das demandas da neurodiversidade no contexto universitário. Contou com a participação de estudantes, servidores e docentes que trouxeram depoimentos sobre o caráter inovador e a pertinência da criação de um espaço de atendimento, acolhimento, ensino, pesquisa e extensão na temática do autismo e da neurodiversidade.

Com o estabelecimento do retorno completo às aulas presenciais na Universidade, após a eliminação da situação de emergência sanitária devido à COVID-19, o Núcleo elaborou uma proposta de ensino híbrido para o segundo semestre letivo de 2022. O objetivo da proposta era flexibilizar essa decisão e contornar alguns dos obstáculos impostos à saúde da população autista e neurodiversa pela adoção do ensino exclusivamente presencial. O documento propunha o ensino híbrido (remoto e presencial) como prática permanente na Universidade, por ser esta uma forma acessível e inclusiva para esses estudantes e todos os demais que precisarem. A proposta encontra-se em apreciação por instâncias gestoras da UnB.

Novas atividades serão implementadas a partir do mês de junho de 2022, quando retornam as atividades presenciais na UnB. O Grupo de Estudos Autismo e Neurodiversidade reunirá pessoas de diversas áreas do conhecimento interessadas em aprender e divulgar saberes sobre autismo e neurodiversidade. Será conduzido por profissional da área de psicologia em parceria com os estudantes neurodiversos. O CineNeuro ocorrerá mensalmente e contará com apresentação e discussão de filmes e séries na temática da Neurodiversidade. Também será mediado por estudantes neurodiversos e por profissionais da psicologia.

O Núcleo encontra-se em processo de institucionalização. Para ter seu lugar reconhecido dentro da organização universitária, o Núcleo será inserido como Projeto de Extensão de Ação Contínua (PEAC), vinculado ao CAEP. O processo é demorado e burocrático, exige tempo e dedicação. É necessário para que todo o trabalho dos estudantes e profissionais seja reconhecido e certificado pela Universidade, bem como para que tenhamos recursos institucionais para realização das nossas atividades. Após a institucionalização, esperamos contar com mais recursos humanos e organizacionais para realizar outras ações essenciais para a população neurodiversa da Universidade de Brasília, por exemplo: acompanhamento psicoterápico, avaliação psicológica, acompanhamento psiquiátrico e psicopedagógico e mediação acadêmica.

No momento, os esforços estão concentrados no processo de institucionalização e na divulgação das nossas ações na Universidade. Este relato é uma produção derivada desses esforços. Trabalhamos também na produção de *posts* e panfletos de apresentação e convite para participação das ativida-

des.

CONCLUSÃO

Alguns estudantes passaram a aceitar sua condição neurodiversa e chegaram aos seus diagnósticos somente após seu contato com o Núcleo de Autismo e Neurodiversidade. A entrada no Grupo de Apoio Terapêutico, de acordo com os estudantes, promoveu sentimento de acolhimento e compreensão. Os estudantes relatam que, apesar de possuírem dificuldades de interação social, sentem que encontraram um espaço no qual podem lidar com as suas demandas específicas dentro da universidade, incluindo as dificuldades com os pares. Com a criação do grupo na plataforma *Discord* apenas para os estudantes neurodiversos, eles relatam sentirem-se mais à vontade para integrar à sua maneira, num contexto formado por pessoas que compreendem as suas experiências, ao invés de julgá-las e condená-las.

Com o ganho de conhecimento sobre autismo e neurodiversidade, tem sido mais comum o diagnóstico tardio dessas condições clínicas. Uma via comum para se chegar ao diagnóstico é por meio do atendimento em saúde mental, devido a sofrimento psíquico. Os estudantes que hoje compõem o Núcleo de Autismo e Neurodiversidade experimentaram problemas de saúde mental ao longo da vida relacionados ao estresse de precisarem se adaptar às demandas de competência social, de ajuste aos padrões, de camuflagem de pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Com diagnóstico de transtornos afetivos (por exemplo: ansiedade, depressão e transtorno bipolar), eles passaram anos com tratamentos que desconsideraram a neurodiversidade. Reconhecendo suas condições de neurodesenvolvimento, as pessoas podem aprender a lidar melhor com suas dificuldades, antecipar e preparar-se para situações sociais, ajustar expectativas sobre si mesmas e sobre os outros, explorar seus talentos e potencialidades. Compreender seus pontos fortes e suas dificuldades pode ajudar esses estudantes a encontrar melhores oportunidades de trabalho, de relacionamento e de lazer que sejam eficientes, saudáveis e prazerosas, mesmo que estejam fora do esperado no universo social neurotípico.

O protagonismo estudantil na criação do Núcleo de Autismo e Neurodiversidade é fruto do trabalho psicoterapêutico que incentiva e estimula a manifestação do potencial criativo, produtivo, inovador e revolucionário da pessoa neurodiversa. A criação do Núcleo celebra o desejo de estabelecer na Universidade de Brasília um ambiente pedagógico, social e psicológico de promoção da saúde mental, com cada vez maior inclusão das diferenças. O combate a preconceitos, discriminação e exclusão, bem como o incentivo à capacidade de participação social e colaborativa de todas as pessoas é caminho a ser percorrido por toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGATELL, N. From cure to community: Transforming Notions Of Autism. **Ethos**, v. 38, n. 1, pp. 33-55, 2010.

BAMPI, L. N. da S.; GUILHEM, D.; ALVES, E. D. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 816-823, 2010. DOI: 10.1590/S0104-11692010000400022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4224>. Acesso em: 27 maio. 2022.

BOLSONI, C. L., Macuch, R. da S., & Bolsoni, L. L. M.. Neurodiversidade no meio acadêmico: reflexos das falhas educacionais em uma instituição de ensino superior no interior do Paraná. **Revista Educação Especial**, 34, e11/1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X55425>

BOWSER, A. D. **Young adults with ASD may be at greater risk of depression.** 2018. Disponível em: <https://www.mdedge.com/psychiatry/article/173870/depression/young-adults-asd-may-be-greater-risk-depression>. Acesso em 07 de fevereiro de 2022

BRASIL. Lei no 12.764. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

CIMERA, R. E., & Cowan, R. J. The costs of services and employment outcomes achieved by adults with autism in the US. **Autism**, 13(3), 285-302, 2009.

INEP. **Censo da Educação Superior 2019**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>

PEIXOTO, A. J. & Holanda, A. F. **Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar - Perspectivas Multidisciplinares**. Juruá, 2011

RAI, D. HEUVELMAN, H. DALMAN, C. (orgs.) (2018) Association Between Autism Spectrum Disorders With or Without Intellectual Disability and Depression. *In: Young Adulthood*. **JAMA Network Open**. 2018; 1 (4): e181465.

ROBINSON, J. E. **Olhe nos meus olhos. Minha vida com a síndrome de Asperger**. Larousse do Brasil, 2021.

ROSQVIST, CHOWN & STENNING. **Neurodiversity Studies: A New Critical Paradigm**. Routledge, 2020.

SANTOS, W. F. SANTANA, V. S. DIAS, L. S. S. TEIXEIRA, C. M. D. PONDÉ, M. P. (2020). A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior. **Revis-**

ta Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade, 9(3), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/re.v9i3.33786>

SINGER, J. **Neurodiversity: the birth of an idea**. EBook Kindle, 2017

SOLOMON, O. BAGATELL, N. Introduction to autism: rethinking the possibilities. **Ethos**, v. 38, n. 1, pp. 1-7, 2010.

SULKES, S. B. **Definição de distúrbios do desenvolvimento**. 2020. Disponível em: msdmanuals.com. Acesso em 07 de fevereiro de 2022.